

38º Encontro Anual da ANPOCS

GT 16 – Grupos Dirigentes e Estruturas de Poder

As Ciências Sociais na *Academia Brasileira de Ciências*: uma elite minoritária

Ana Paula Hey

Universidade de São Paulo/Apoio FAPESP

As Ciências Sociais na *Academia Brasileira de Ciências*: uma elite minoritária

(Work in progress)

O trabalho estende as análises sobre a Academia Brasileira de Ciências (ABC) como recurso heurístico para a construção do campo científico no país e alguns de seus embates. Visando aprofundar aspectos que diferenciam as áreas científicas presentes na ABC focará as Ciências Sociais, cuja particularidade é denominar nessa rubrica o agrupamento de distintos campos disciplinares, a saber, Antropologia, Ciência Política, Demografia, Economia, Geografia, História, Relações Internacionais e Sociologia. As Ciências Sociais são representadas de forma minoritária na ABC, contando atualmente com 22 membros¹ em um universo de aproximadamente 700 acadêmicos vivos, distribuídos entre Ciências Matemáticas – 79, Ciências Físicas – 105, Ciências Químicas – 81, Ciências da Terra – 75, Ciências Biológicas – 89, Ciências Biomédicas – 140, Ciências da Saúde – 26, Ciências Agrárias – 24 e Ciências da Engenharia - 35.

A título ilustrativo, conforme indicadores do CNPq de 2010 relativos à pesquisa por área de conhecimento, o Brasil contava com 147.638 pesquisadores, assim distribuídos: Ciências Humanas – 30.378, Ciências Agrárias – 15.269, Ciências Biológicas – 16.033, Ciências da Saúde – 25.445, Ciências Exatas e da Terra – 14.621, Ciências Sociais Aplicadas – 18.579, Engenharias – 18.453 e Linguística, Letras e Artes – 8.860. Deste total, por região, tem-se: Centro-Oeste (11.656), Nordeste (26.716), Norte (8.304), Sudeste (62.631) e Sul (29.894) (CNPq, 2010). Em dados de 1980, o país tinha 30 mil cientistas e 248 membros da ABC. Separando-se por disciplina, em 2000, tinha-se aproximadamente 1000 pesquisadores em Sociologia, 700 em Antropologia e 400 em Ciência Política (Reis; Góes Filho, 2002).

Em trabalho anterior (Hey, 2012) apresentou-se uma visão geral da ABC buscando discutir as possibilidades de utilizar essa instância de consagração como constructo de elites científicas no país, sem pormenorizar aspectos das diferentes ciências. Nesse momento, procura-se aprofundar uma área, esquadrinhando as características relativas à trajetória de formação intelectual, aos percursos de inserção

¹ Empossados até 2014.

profissional e às relações com espaços sociais demarcados, em especial setores dominantes do campo cultural, esferas particulares do universo científico e interfaces com o Estado. Como a pesquisa que vem sendo desenvolvida é mais ampla, envolvendo a morfologia de todos os membros vivos da ABC, aproximações e distanciamentos entre os vários campos disciplinares poderão ser desvelados, o que possibilitará abordar esses dados em relação às particularidades das Ciências Sociais.

A ABC se autointitula uma entidade representativa dos cientistas das áreas mais significativas da ciência brasileira. O processo de seleção, que ocorre anualmente, se inicia com os membros titulares indicando um novo integrante a partir da avaliação de seu currículo vitae, demonstrando as razões dessa adequação e atribuindo-lhe uma nota. No CV se avalia, sobretudo, “a qualidade das publicações, a posição no CNPq e a qualificação dos formados (orientandos) do acadêmico” (Depoimento de Campos, membro da ABC, 2011). Estas indicações são encaminhadas à comissão de seleção e avaliadas pelos membros da área, que estabelecem uma ordem de escolha, sendo recomendado o dobro de cientistas por vaga. Em seguida, a lista é submetida à assembleia geral da Academia. Tal esquema demonstra o processo de reconhecimento pelos pares como moeda essencial nas fronteiras da ABC, em que o capital simbólico atua com maior força, transfigurado nos critérios de objetividade (capital científico) postos na análise da acomodação do nome à instituição. Traz à tona, ainda, a notoriedade científica como “controle do acesso à reputação que permanece como o modo de retribuição central”, como exposto por Whitley:

O fato de ser dotado de certa notoriedade permite aceder aos créditos, aumentando assim sua influência no âmbito de círculos cada vez mais amplos. A reputação depende dos resultados de pesquisa, do interesse que os pares têm por ela e da pertinência que lhe atribuem, em função de seus próprios trabalhos” (in Shinn & Ragouet, 2008, p. 130).

Grosso modo, a notoriedade envolve o investimento do capital científico do acadêmico na ciência como espaço produtor de relações, cujo ganho de crédito simbólico se realiza ao longo da inserção nesse ambiente ao mesmo tempo em que produz suas fronteiras. O capital simbólico atua, nesse sentido, como porta de entrada, como moeda de troca e como garantia de reprodução desse ambiente.

A composição inicial da ABC circunscrevia seus membros ao Rio de Janeiro, uma vez que é a partir da Escola Politécnica e da Escola Nacional de Medicina, aí sediadas, a gênese de sua formação, em 1916. Além do mais, a Capital Federal era o polo agregador dos homens de ciência no período, mesmo os provenientes de outros estados, fortemente marcado por Minas Gerais e Bahia, que a tinham como destino para seu desenvolvimento profissional e atuação política, sobretudo no âmbito da criação de novas instituições do estado republicano². Precocemente, todavia, seus membros tentaram transformá-la de fenômeno carioca a feição nacional, com ampliação da atuação de acadêmicos de fora do Rio de Janeiro, e internacional, com a criação da categoria de correspondente para cientistas estrangeiros.

O desenvolvimento das instituições educativas e científicas, sobretudo a partir dos anos 1930, vai deslocando, no interior da ABC, a centralidade dos acadêmicos do Rio de Janeiro para os espaços que vão se tornando concorrentes e dominantes, em particular São Paulo. Hoje a Academia ilustra a distribuição das instituições universitárias/científicas consagradas no terreno nacional, havendo correspondência entre a presença maior de acadêmicos provenientes dos estabelecimentos mais legítimos e situados em locais dotados de maior desenvolvimento econômico e com força política na dinâmica nacional, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Brasília.

As Ciências Sociais na ABC

A área de Ciências Sociais da ABC é constituída somente a partir de 2000, com a posse de Elisa Pereira Reis, Gilberto Velho, Roberto Cardoso de Oliveira e Roberto

² Essa genealogia é trabalhada em Hey (2014) a partir das trajetórias dos 44 acadêmicos que criaram a ABC. Importante ressaltar que a formação destes membros já é majoritária nas instituições de ensino nacionais, com incidência diminuta de membros formados nas escolas militares. Esse período das duas décadas iniciais do século XX é marcado por um limbo na literatura que aborda a relação entre indivíduos, instituições e a formação do corpo científico – daí o interesse em abordar este aspecto.

DaMatta como seus membros titulares³. Todavia, a história da ABC já conta com a presença de acadêmicos relacionados às Ciências Humanas desde sua fundação (*cf.* Hey, 2014), apesar deste momento não apresentar as clivagens disciplinares que se tem hoje. São exemplos os membros provenientes de áreas típicas do período, tais como a Medicina, que se voltam para a Antropologia e a Etnologia, como Roquette-Pinto (1884-1954); para a Psicologia, a História e a Sociologia, como Manoel Bonfim (1868-1932); para a Antropologia e a Egiptologia, como Alberto Childe (1870-1950); ou da Engenharia, que se dirige para a Geopolítica e a Geografia, caso de Everardo Adolpho Backheuser (1879-1951). Em termos institucionais, destaca-se a forte influência do Museu Nacional como residência marcante destes pioneiros.

Na configuração atual, os 22 acadêmicos de Ciências Sociais estão divididos nas seguintes áreas: Antropologia (Julio Cezar Melatti, Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha, Otávio Velho, Peter Henry Fry, Roberto DaMatta e Ruben George Oliven eleitos respectivamente em 2008, 2002, 2014, 2013, 2000 e 2007), Ciência Política (Bolívar Lamounier, Hélió Trindade, Lourdes Sola, Paulo Sérgio Pinheiro, Simon Schwartzman e Wanderley Guilherme dos Santos eleitos em 2011, 2006, 2001, 2003, 2002 e 2002), Demografia (Elza Salvatori Berquó, 2001), Economia (Edmar Lisboa Bacha e Ricardo Paes de Barros, eleitos em 2011 e 2010), História (Boris Fausto, José Murilo de Carvalho, Laura de Mello e Souza, eleitos em 2001, 2003 e 2013), Sociologia (Elisa Pereira Reis, Leôncio Martins Rodrigues Netto, Sergio Miceli, eleitos em 2000, 2005 e 2011), e representando uma área interdisciplinar (Ciência Política, Relações Internacionais, Direito) tem-se Celso Lafer, eleito em 2004.

Os membros eleitos a partir de 2000 e já falecidos são Bertha Becker (Geografia, 2013), Juarez Rubens Brandão Lopes (Ciência Política, 2012), Gilberto Cardoso Alves Velho (Antropologia, 2012) e Roberto Cardoso de Oliveira (Antropologia, 2006).

Uma primeira constatação refere-se à estrutura de distribuição dos acadêmicos nas diferentes disciplinas da área de Ciências Humanas, em que há a exclusão da

³ Em etapa a ser desenvolvida posteriormente, serão realizadas entrevistas com alguns membros, entre eles os precursores Elisa Reis e Roberto DaMatta, uma vez que não há informações sobre a centralidade do Rio de Janeiro e da Antropologia na gênese da formação da área. Em 'conversas de corredor' especula-se sobre o desinteresse presente na área tanto em acadêmicos externos às Ciências Sociais (daí não denominar a área de Ciências Humanas), como daqueles que não tivessem relação mais estreita com o partido dominante no período.

Filosofia e uma hierarquia marcada pela centralização na Antropologia e na Ciência Política, com 15 membros, em relação à História e à Sociologia, com 3 representantes cada, seguida pela Economia (2), e apenas um acadêmico em Geografia, em Demografia e na área interdisciplinar.

A área recomenda membros estrangeiros na categoria de correspondentes para a ABC, sendo que neste item também se observa a prevalência de uma disciplina, pois dos quatro nomeados, três são economistas: Albert Fishlow, da Universidade de Columbia; James Joseph Heckman, da Universidade de Chicago e Prêmio Nobel de Economia, e José Alexandre Scheinkman, da Universidade de Princeton. O outro correspondente é o historiador inglês Leslie Bethell, do St Antony's Colleges, Oxford/Inglaterra.

Em relação aos acadêmicos⁴, a composição inicial demonstra: ano de nascimento entre 1925-1954, sendo as incidências, respectivamente, entre 1925-30 (4), 1931-35 (3) 1936-40 (6), 1941-45 (8 casos) e um caso em 1946 e outro em 1954, o que concentra os acadêmicos na faixa etária de 69 a 78 anos. O local de nascimento ocorreu nos estados do Rio de Janeiro (8 membros, sendo 2 em cidades do interior), Minas Gerais (7, sendo 6 no interior), São Paulo (5), Rio Grande do Sul (2, sendo um no interior) e um em Cascais, Portugal.

Tabela 1 – Acadêmicos, local e ano de nascimento, cargos na ABC e disciplina

	Acadêmico	Nascimento		ABC		Disciplina Principal
		Ano	Local	Posse	Cargos	
1	Bertha Koiffmann Becker (falecida)	1930	Rio de Janeiro/RJ	2006	Consultor <i>Ad-hoc</i> Implantação do Programa "Dimensões humanas da mudança ambiental global"	Geografia
2	Bolívar Lamounier	1944	Dores do Indaiá/MG	2012	não	Ciência Política
3	Boris Fausto	1930	São Paulo/SP	2001	não	História
4	Celso Lafer	1941	São Paulo/SP	2004	Grupo de Estudos sobre Relações Internacionais em Ciência e Tecnologia	Relações Internacionais, Direito, Ciência Política

⁴ O *paper* apresenta os dados dos acadêmicos empossados até 2012, incluindo os já falecidos. Não serão utilizadas as informações de Laura de Mello e Souza, historiadora, de Peter Henry Fry, antropólogo, empossados em 2013, e de Otávio Velho, antropólogo, nomeado em 2014. O conjunto geral do levantamento efetuado foi construído a partir dos currículos *Lattes*, de informações dos anuários e do site da ABC, bem como de elementos disponíveis em sites institucionais.

5	Edmar Lisboa Bacha	1942	Lambari/MG	2011	não	Economia
6	Elisa Maria da Conceição Pereira Reis	1946	Araxá/MG	2000	Vice-Presidente para o Rio de Janeiro	Sociologia
7	Elza Salvatori Berquó	1931	Guaxupé/MG	2001	Comitê Brasileiro do International Human Dimensions Program (IHDP)	Demografia
8	Gilberto Cardoso Alves Velho (falecido)	1945	Rio de Janeiro/RJ	2000	Comissão de Seleção de Novos Membros; Comissão para avaliação de livro	Antropologia
9	Hélgio Henrique Casses Trindade	1939	Encruzilhada do Sul/RS	2006	não	Ciência Política
10	José Murilo de Carvalho	1939	Andrelândia/MG	2003	não	História
11	Juarez Rubens Brandão Lopes (falecido)	1925	Poços de Caldas/MG	2001	não	Ciência Política
12	Julio Cezar Melatti	1938	Petrópolis/RJ	2008	não	Antropologia
13	Leôncio Martins Rodrigues Netto	1934	São Paulo/SP	2005	não	Sociologia
14	Lourdes Sola	1938	São Paulo/SP	2001	não	Ciência Política
15	Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha	1943	Cascais, Portugal	2002	não	Antropologia
16	Paulo Sérgio Pinheiro	1944	Rio de Janeiro/RJ	2003	não	Ciência Política
17	Ricardo Paes de Barros	1954	Rio de Janeiro/RJ	2010	não	Economia
18	Roberto Augusto DaMatta	1936	Niterói/RJ	2000	não	Antropologia
19	Roberto Cardoso de Oliveira (falecido)	1928	São Paulo/SP	2000	Conselho Consultivo	Antropologia
20	Ruben George Oliven	1945	Porto Alegre/RS	2007	Comissão de Seleção de Novos Membros	Antropologia
21	Sergio Miceli	1945	Rio de Janeiro/RJ	2011	não	Sociologia
22	Simon Schwartzman	1939	Belo Horizonte/MG	2002	não	Ciência Política
23	Wanderley Guilherme dos Santos	1935	Rio de Janeiro/RJ	2002	não	Ciência Política

Elaboração própria.

A faixa etária de entrada na Academia situa-se entre os 54 e os 76 anos, com maior concentração entre os 60 e 69 anos. A acadêmica mais jovem a ingressar na área foi Elisa Pereira Reis, em 2000, e os mais velhos foram Bertha Becker e Juarez Brandão Lopes, ambos já falecidos.

A maioria encontra-se no ápice da carreira acadêmica ao ingressar na ABC: professor titular de universidade pública, bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq (nível 1A ou sênior), acentuado processo de circulação internacional como professor

visitante, *fellow* e ocupante de cátedras em instituições de renome, realização de mais de um pós-doutorado no exterior, forte presença no domínio da pós-graduação (criação de programas, coordenação de programas, comitês de área em agências de fomento nacionais e estaduais), pertencimento a grupos de pesquisa consolidados, forte atuação na criação de instituições de pesquisa nacionais (com destaque para IUPERJ, CEBRAP, IDESP, CEDEC, CPDOC/FGV) e papel relevante na formação das principais associações científicas e de participação em suas diretorias, com ênfase para Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPOPG), Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), Sociedade Brasileira de Direito Internacional (SBDI), Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

A quase totalidade dos membros desenvolve ou desenvolveu suas atividades acadêmicas em universidades públicas brasileiras, representadas pela USP, UFRJ, Museu Nacional, UnB, UFMG, UNICAMP, UFRGS. A exceção é Ricardo Paes de Barros, cuja carreira realiza-se como pesquisador em instituto de pesquisa aplicada (IPEA) e como professor da PUC/RJ. A carreira no exterior, quando existente, é posterior à trajetória nacional.

A formação científica

Na delimitação de elites acadêmicas, o processo de socialização envolvendo a obtenção de títulos escolares assume papel central, uma vez que permite absorver os espaços legítimos de acumulação do capital científico e, ao mesmo tempo, a criação dos laços de interconhecimento e de circulação, que expressam o capital social.

Quanto ao processo de formação, somente um acadêmico não realizou o curso de graduação no Brasil (caso de Manuela Carneiro da Cunha, que cursou Matemática Pura na França), enquanto os demais o concluíram nas seguintes instituições: USP (5 casos), UFMG (4), UFRJ (3), PUC/RJ (2) e, com uma ocorrência, Escola de Sociologia e

Política/SP, UFF, UFRGS, PUC/Campinas, PUC/RS, Universidade Católica/Petrópolis e Instituto Tecnológico da Aeronáutica/ITA. Dois membros apresentam também uma segunda graduação realizada no exterior (EUA e França). O término dessa etapa de ensino situa-se entre 1947-77, com maior incidência entre os anos de 1958-68.

A área em que há prevalência é as Ciências Sociais, aí incluindo os cursos de Sociologia e Política (11 titulações), seguidos de Direito (4), História (4), Filosofia, Geografia e Economia (2 casos cada).

Tabela 2 – Curso de graduação

	Acadêmico	Curso	Instituição	Ano
1	Bertha Becker (falecida)	Geografia e História	Universidade do Brasil/RJ	1952
2	Bolívar Lamounier	Sociologia e Política*	UFMG	1964
3	Boris Fausto	Direito; História	USP	1953; 1966
4	Celso Lafer	Direito	USP	1964
5	Edmar Bacha	Ciências Econômicas	UFMG	1963
6	Elisa Maria da Conceição Pereira Reis	Sociologia e Política*	UFMG	1967
7	Elza Salvatori Berquó	Matemática; Bioestatística	PUCCAMP/SP; Columbia/EUA	1947; 1956
8	Gilberto Cardoso Alves Velho (falecido)	Ciências Sociais	UFRJ	1968
9	Hélgio Henrique Casses Trindade	Ciências Jurídicas e Sociais	PUC/RS	1964
10	José Murilo de Carvalho	Sociologia e Política*	UFMG	1965
11	Juarez Rubens Brandão Lopes (falecido)	Ciências Sociais e Políticas	Escola de Sociologia e Política de São Paulo	1950
12	Julio Cesar Melatti	Geografia e História	Faculdades Católicas Petropolitanas, hoje UCP/RJ	1960
13	Leôncio Martins Rodrigues Netto	Ciências Sociais	USP	1962
14	Lourdes Sola	Ciências Sociais	USP	1961
15	Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha	Matemática Pura	Faculté de Sciences; Paris/FR	1967
16	Paulo Sérgio Pinheiro	Direito; Sociologia	PUC/RJ; Paris VIII, Vincennes	1966; 1971
17	Ricardo Paes de Barros	Engenharia Eletrônica	ITA; São José dos Campos/SP	1977
18	Roberto Augusto DaMatta	História (bacharelado e licenciatura)	UFF/RJ	1959; 1962
19	Roberto Cardoso de Oliveira	Filosofia (bacharelado e licenciatura)	USP	1952; 1953
20	Ruben George Oliven	Ciências Sociais; Ciências Econômicas	UFRGS	1968
21	Sergio Miceli	Ciências Políticas e Sociais	PUC/RJ	1967
22	Simon Schwartzman	Sociologia e Política* e Administração Pública	UFMG	1961
23	Wanderley Guilherme dos Santos	Filosofia (bacharelado e licenciatura)	Universidade do Brasil/RJ	1958

Elaboração própria.

* Segundo Elisa Reis (1998), o curso de Sociologia e Política da UFMG integrava a Faculdade de Ciências Econômicas, sendo independente do curso de Ciências Sociais.

A formação pós-graduada em nível de mestrado realiza-se na maior parte no Brasil, entre os anos de 1949-82, com a maioria o tendo concluído entre 1966-71. A USP concentra a maioria dos casos (4), em seguida aparecem UFRJ, UFRGS, IUPERJ e Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada/RJ, sendo nas áreas de Estatística (2), e uma ocorrência em Sociologia, Ciências Sociais, Antropologia Social, Ciência Política e Planejamento Urbano. O Mestrado no exterior é desenvolvido majoritariamente nos EUA (6 acadêmicos) e um caso no Chile, nas áreas de Ciência Política (3 situações), Sociologia (2), Antropologia Social (1) e Economia (1). Conta-se também com grande número de doutorados direto, sem realização desta fase – 8 ocorrências, dado que deve ser considerado pelo contexto do período, em que a institucionalização desta etapa de estudos não existia.

A precocidade nesta etapa de estudos marca a trajetória de Elza Berquó, que o conclui com a idade de 18 anos, sendo que a maioria o terminou entre 24-26 anos (6) e com 28 anos (4). Exceção é para Roberto DaMatta que o termina com 33 anos.

Tabela 3 – Curso de mestrado

	Acadêmico	Área	Instituição	Tema/Orientador	Ano
1	Bertha Becker (falecida)	Doutorado direto			
2	Bolívar Lamounier	Ciência Política	University of California, Los Angeles /USA	s/d	1967
3	Boris Fausto	Doutorado direto			
4	Celso Lafer	Ciência Política	Cornell University/USA	s/d	1967
5	Edmar Bacha	Economia	Yale University/USA	s/d	1966
6	Elisa Maria da Conceição Pereira Reis	Ciência Política	IUPERJ	Política Cafeeira e Interesses de Classe, Simon Schwartzman	1972
7	Elza Salvatori Berquó	Estatística	USP	sem dados	1949
8	Gilberto Cardoso Alves Velho (falecido)	Antropologia Social	UFRJ	A Utopia Urbana: um estudo de ideologia e urbanização Shelton H. Davis	1970
9	Hélgio Henrique Casses Trindade	Doutorado direto			
10	José Murilo de Carvalho	Ciência Política	Stanford University/USA	s/d	1968
11	Juarez Rubens Brandão Lopes (falecido)	Sociologia	Chicago University/USA	s/d	1953
12	Julio Cezar Melatti	Doutorado direto			

13	Leôncio Martins Rodrigues Netto	Doutorado direto			
14	Lourdes Sola	Sociologia	FFCL/USP	A racionalização e burocratização da indústria em São Paulo: processos decisórios; Processos de Racionalização na Indústria Paulistana, ambos com Florestan Fernandes	1966; 1966
15	Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha	Doutorado direto			
16	Paulo Sérgio Pinheiro	Doutorado direto			
17	Ricardo Paes de Barros	Estatística	IMPA/RJ	Um estudo sobre a otimização em síntese de redes, Jack Schecthman	1982
18	Roberto Augusto DaMatta	Antropologia Social	Harvard University/USA	s/d	1969
19	Roberto Cardoso de Oliveira	Doutorado Direto			
20	Ruben George Oliven	Planejamento Urbano e Regional	UFRGS	A cidade como local de integração sócio-cultural: a integração dos moradores da vila Farrapos na cidade de Porto Alegre, Herbert Calhau	1973
21	Sergio Miceli	Ciências Sociais	FFLCH/USP	A Noite da Madrinha: Ensaio sobre a Indústria Cultural no Brasil, Leôncio Martins Rodrigues	1971
22	Simon Schwartzman	Sociologia	Flacso/Chile	s/d	1963
23	Wanderley Guilherme dos Santos	Doutorado Direto			

Elaboração própria.

Em relação ao doutorado, a menor parte dos acadêmicos o realiza no Brasil, entre 1961-78, sendo que a USP reúne 8 dos 10 casos, e os demais são concluídos na UFRJ e na UNICAMP. Destes casos da USP, 3 obtiveram o título também no exterior: Juarez Brandão Lopes (USA), Paulo Sérgio Pinheiro e Sergio Miceli (França). O doutorado no exterior é desenvolvido majoritariamente nos EUA (8 casos), França (3) e Inglaterra (2).

O período de realização é entre 1954-87, com concentração entre 1969-75 (14 casos). O término do doutorado realizou-se pela maioria na faixa de 30-35 anos, com incidência de 4 casos de acadêmicos mais novos (Edmar Bacha, Elza Berquó, Leôncio Martins Rodrigues e Paulo Sérgio Pinheiro, com 27 anos) e o mais velho com 44 anos, caso de Lourdes Sola.

As áreas em que o doutorado foi desenvolvido no Brasil concentram-se na Sociologia (4 situações), Antropologia (3) e, com uma ocorrência cada, Ciência Política,

Geografia e História. No exterior, ele ocorre majoritariamente em Ciência Política (9 casos), Sociologia (2), Economia (2), Ciências Sociais (1) e Bioestatística (1).

Tabela 4- Curso de doutorado, destaque para o curso realizado no Brasil, em minoria

	Acadêmico	Área	Instituição	Assunto/Orientador	Ano
1	Bertha Becker (falecida)	Ciências/Geografia	Instituto de Geociências/UFRJ	O Norte do Espírito Santo, Região Periférica em Integração	1970
2	Bolívar Lamounier	Ciência Política	University of California, Los Angeles /USA	Sem dados	1974
3	Boris Fausto	História	FFLCH/USP	Sem dados	1969
4	Celso Lafer	Ciência Política	Cornell University/USA	The planning process and the political system in Brazil: a study of Kubitschek, Juscelino, 1956-1961	1970
5	Edmar Bacha	Economia	Yale University/USA	An econometric model for the world coffee economy: the impact of Brazilian price policy	1969
6	Elisa Maria da Conceição Pereira Reis	Ciência Política	Massachusetts Institut of Technology/USA	The Agrarian roots of Conservative Modernization Brazil: 1880-1930, Suzanna Berger	1980
7	Elza Salvatori Berquó	Bioestatística	Columbia University/USA	Sobre a análise sequencial para testes de hipóteses relativas a proporções. Aplicação a problemas de medicina e de saúde pública, Agnes Burger	1958
8	Gilberto Cardoso Alves Velho (falecido)	Antropologia	USP	Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia, Ruth Cardoso	1975
9	Hélgio Henrique Casses Trindade	Ciência Política	Université Paris I, Panthéon-Sorbonne/FR	L'Action intégraliste brésilienne: un mouvement de type fasciste au Brésil, Jean Touchard / Georges Lavau	1971
10	José Murilo de Carvalho	Ciência Política	Stanford University	Elite and state-building in imperial Brazil, Robert A. Packenham	1975
11	Juarez Rubens Brandão Lopes (falecido)	Sociologia; Sociologia	University of Chicago/USA; FFLCH/USP	Sem dados	1954; 1964
12	Julio Cezar Melatti	Antropologia	FFLCH/USP	O Sistema Social Krahó, João Baptista Borges Pereira	1970
13	Leôncio Martins Rodrigues Netto	Sociologia	FFCL/USP	Atitudes Operárias na Indústria Automobilística, Florestan Fernandes	1961
14	Lourdes Sola	Política	University of Oxford /UK	The Political and Ideological Constraints to Economic Management in Brazil - 1945-1963, Laurence Whitehead	1982
15	Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha	Antropologia	UNICAMP	Os Mortos e os Outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó, Peter Henry Fry	1975
16	Paulo Sérgio Pinheiro	Política; Estudos Políticos	Université Paris I /FR; USP	La fin de la Première République au Brésil: crise politique et révolution 1920-1930, Serge Hurtig	1971; 1983
17	Ricardo Paes de Barros	Economia	University of Chicago/USA	Two essays on the nonparametric estimation of economic models with selectivity using choice-based sample	1987
18	Roberto Augusto DaMatta	Antropologia Social	Harvard University/USA	Apinayé Social Structure, David Maybury-Lewis	1971
19	Roberto Cardoso de Oliveira	Sociologia	USP	Urbanização e tribalismo: a integração dos Terena numa sociedade de classes, Florestan	1966

				Fernandes	
20	Ruben George Oliven	Ciências Sociais	University of London/UK	Urbanization and Social Change: a case study of Porto Alegre, Ian Roxborough	1977
21	Sergio Miceli	Sociologia; Sociologia	École des Hautes Études en Sciences Sociales/FR; FFLCH/USP	Les Intellectuels et le Pouvoir au Brésil (1920-1945); Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945), Pierre Bourdieu; Leôncio Martins Rodrigues	1978
22	Simon Schwartzman	Ciência Política	University of California, Berkeley/USA	Regional Cleavages and Political Patrimonialism in Brazil, David E. Apter	1973
23	Wanderley Guilherme dos Santos	Ciência Política	Stanford University/USA	Impass and Crisis in Brazilian Politics, Robert Packenham	1969

Elaboração própria.

O início da carreira

O início da carreira, para a maioria, ocorreu em universidade pública, entre os anos 1958-68, em instituições como a UFRJ, seguida por USP, UFRGS, UFMG, UNICAMP e atual UNESP. Cinco acadêmicos iniciaram a carreira em instituições particulares: IUPERJ, FGV/SP, PUC/SP, PUC/RJ e Cândido Mendes/RJ. Destes acadêmicos, somente um continuou a carreira exclusivamente em uma instituição particular, a PUC/RJ.

A trajetória padrão destes acadêmicos demonstra que o início de carreira acontecia logo após a graduação, geralmente como auxiliar de ensino ou instrutor, sendo que a realização dos estudos pós-graduados já se dava nestas condições. Como se pode observar na narrativa de Gilberto Velho (1992):

Em 1966, como aluno de curso de Ciências Sociais, fui convidado pela professora Stella Amorim para trabalhar como Auxiliar de Pesquisa no antigo Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil. Esta instituição de pesquisa viria a se fundir, em 1968, com o curso de Ciências Sociais da antiga FNFI, constituindo hoje, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhei cerca de dois anos em pesquisas coordenadas pelos professores Mauricio Vinhas de Queiroz, Luciano Martins, e a própria professora Stella.

(...) Enquanto lecionava no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), entrei como aluno no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, no 2º semestre de 1969. Concluí os cursos e a dissertação de mestrado – “A utopia urbana: um estudo de ideologia e urbanização” – no final de 1970.

(...) com o apoio do professor Roberto Cardoso de Oliveira, recebi uma bolsa da Fundação Ford para fazer cursos como “Special Student” no Departamento de Antropologia da Universidade do Texas, em Austin, durante o ano de 1971.

(...) Regressando ao Brasil em 1972, retomei as minhas atividades docentes no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e iniciei a minha trajetória de professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

(...) Em 1973 ingressei no Doutorado do Departamento de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Tive o privilégio de ter como orientadora a antropóloga Ruth Cardoso. (...) Defendi a minha tese, obtendo o grau de doutor em dezembro de 1975. (...)

A trajetória de Celso Lafer vai destoar desse arquétipo, uma vez que ele ingressa na carreira docente da USP após concluir o doutorado nos EUA, tendo realizado as etapas de formação sem interrupção desde o curso de graduação. Ao lado da carreira de professor de direito, exerceu uma série de atividades no setor privado, tais como conselheiro de empresas – Klabin, Metal Leve, Ponsa Papelão do Nordeste, FGV; de entidades de classe – Sindicato Nacional de Indústria de Componentes para veículos Automotores, FIESP/Ciesp, Fecomercio; de empresas públicas – Comgás, CPFL, CESP, Eletropaulo; de fundações culturais, privadas e públicas, OSESP, TV Educativa, Hospital Albert Einstein; e ainda os postos de ministro de Estado – Relações Exteriores (em 1992 e em 2001-02) e Indústria, Desenvolvimento e Comércio (em 1999). Além disso, foi sócio fundador do CEBRAP, IDESP, Instituto de Estudos Políticos e Sociais/IEPES e DNA Brasil. Atuou/atua junto à UNESCO, OMC, ONU, Corte Permanente de Arbitragem/Haia e da Missão permanente do Brasil junto à ONU, OEA e BIRD. É presidente da FAPESP e participa de várias academias científicas e culturais, como ABL, de Filosofia e de Direito Internacional. É o acadêmico que mais possui prêmios e títulos internacionais.

Outro caso minoritário refere-se ao acadêmico mais jovem hoje na área (Ricardo Paes de Barros, 60 anos), que iniciou sua carreira como pesquisador no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/IPEA durante a realização do mestrado, vindo a atuar como professor na pós-graduação da PUC/RJ após a conclusão do pós-doutorado (1988). Sua trajetória é atípica em relação aos demais membros pela continuidade ininterrupta dos estudos (entre 1973 e 1989 realizou os 5 anos de engenharia, 4 anos de mestrado, 4 anos de doutorado e 2 anos para dois pós-doutorados no exterior em instituições diferentes), pelo vínculo com instituto de pesquisa aplicada, além do ingresso exclusivo na pós-graduação em universidade particular.

O poder científico

Em relação às qualificações que garantem medir o poder científico destes acadêmicos foram recolhidas as seguintes propriedades:

Participação ou atuação em associações científicas internacionais:

International Union for the Scientific Study of Population (IUSSP), Associação Latino-Americana de Antropologia; International Union Of Anthropological And Ethnological Sciences, American Historical Association, International Law Association, The American Society of International Law, Associação Internacional de Filosofia Jurídica e Social, International Social Science Council, Society for the Advancement of Social Economics/SASE, Comparative Research on Poverty, International Institute of Sociology, International Sociological Association, International Political Science Association, Society For The Study Of Social Problems, Asociación Latinoamericana de Antropología, International Union Of Anthropological And Ethnological Sciences, Comité International de Coopération dans les Recherches Nationales en Démographie, Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines, Academia de Ciências do Terceiro Mundo, American Academy of Arts and Sciences, Academy of Sciences for the Developing World (TWAS).

Participação ou atuação em associações científicas nacionais:

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Associação Brasileira de Ciência Política, Associação Brasileira de Antropologia, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Instituto Brasileiro de Filosofia Sociedade Brasileira de Direito Internacional.

Assessoria a agências de fomento – CNPq:

Consultor ad hoc, Conselho deliberativo, Vice-presidente de comitê, Comitê assessor de Ciências Sociais, Comitê assessor interdisciplinar, membro de acompanhamento de programas e projetos concessão de prêmio representante do órgão em comissão nacional,

Representante titular da área de Ciências Humanas e Sociais na Comissão de Coordenação do Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (PRONEX).

Assessoria a agências de fomento – CAPES:

Consultor ad hoc, Coordenação da Comissão de Consultores Científicos (área de Ecologia e Meio Ambiente; Ciências Sociais; Antropologia), Membro do Comitê de Geociências, Presidente dos Comitês de Sociologia e Ciências Sociais, Comissão de Avaliação dos Cursos de Pós-Graduação.

Assessoria a agências de fomento – Fundações estaduais (FAPESP, FAPERJ, FAPEMIG): consultor ad hoc, coordenação de área.

Assessoria a agências de fomento – FINEP:

Consultoria, participação em grupo de trabalho, participação e coordenação de projetos.

Assessorias a Secretarias estaduais:

Membro de Comitê de C&T da cidade do Rio de Janeiro; Membro da Comissão de Saúde do Conselho Estadual da Condição Feminina/SP; Membro da Comissão Constituinte do Conselho Estadual da Condição Feminina/SP; Instituto de Pesquisas Rodoviárias do Rio de Janeiro; membro do Conselho Estadual de C&T do Rio Grande do Sul.

Assessorias nacionais:

IBAMA; SUDAM; Programa Piloto Para Conservação das Florestas Tropicais Brasileiras; Conselho Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde; Comissão Nacional de População e Desenvolvimento Comissão Pró-Índio; Conselho Executivo do Conselho de Direitos Indígenas da Assembleia Constituinte; Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável.

O prestígio e a notoriedade

Estes aspectos aqui são medidos, entre outros critérios, pela forte característica das premiações recebidas por estes acadêmicos. Destaca-se que todos eles possuem a Ordem Nacional do Mérito Científico da Presidência da República, na categoria Grã-Cruz (ápice) ou Comendador.

As premiações estão divididas nas categorias: regional, nacional e internacional.

Tabela 5 Prêmios recebidos

	Acadêmico	Regional	Nacional	Internacional
1	Bertha Becker	3	11	1
2	Bolívar Lamounier	0	2	0
3	Boris Fausto	0	4	1
4	Celso Lafer	4	19	12
5	Edmar Bacha	5	7	1
6	Elisa Maria da Conceição Pereira Reis	0	1	0
7	Elza Salvatori Berquó	7	3	1
8	Gilberto Cardoso Alves Velho (falecido)	3	8	0
9	Hélgio Henrique Casses Trindade	3	1	1
10	José Murilo de Carvalho	6	9	2
11	Juarez Rubens Brandão Lopes (falecido)	0	4	0
12	Julio Cezar Melatti	4	4	0
13	Leôncio Martins Rodrigues Netto	1	1	0
14	Lourdes Sola	0	1	0
15	Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha	1	7	3
16	Paulo Sérgio Pinheiro	3	5	4
17	Ricardo Paes de Barros	0	6	0
18	Roberto Augusto DaMatta	0	8	1
19	Roberto Cardoso de Oliveira	1	7	5
20	Ruben George Oliven	2	5	0
21	Sergio Miceli	0	2	1
22	Simon Schwartzman	0	3	1
23	Wanderley Guilherme dos Santos	3	11	0

Elaboração própria.

Outros indicadores de notoriedade intelectual

Consultoria à CAPES:

Membro de Comissão de Gestão do Programa de Excelência Acadêmica, Coordenador do Acordo Capes/COFECUB (Pós-Graduação em Ciência Política UFRGS/Institut d'Etudes Politiques de Paris), Missão de Pesquisa e Identificação de Parceiros de Acordo CAPES/COFECUB, Membro da Missão Brasileira de Intercâmbio Científico-Cultural com Instituições Chinesas, MEC/CAPES, Pequim.

Consultoria ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação:

Membro da Comissão do programa da Conferência Nacional sobre C&T, Membro da "Comissão de Pesquisadores", indicada pelas Sociedades Científicas para tratar de assuntos relativos ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do País; Membro do Comitê de Coordenação das Ações na Amazônia.

Consultoria a instituições culturais:

Membro do Conselho Curador da Fundação Alexandre de Gusmão; Membro do Conselho Consultivo do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios; Membro de "Comissão Especial" do Ministério da cultura; Membro do Conselho Federal de Cultura; Membro do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Membro da Comissão de Museus - Secretaria de Patrimônio, Museus e Artes Plásticas

O poder político

As propriedades levantadas dos acadêmicos nessa rubrica incluem:

Representação do Brasil em organismos internacionais:

United Nation Educational, Scientific and Cultural (UNESCO) - Cooperação UNESCO/UNAMAZ/UNO/TWU; United Nations Centre For Regional Development Nagoia International Human Dimensions Program; World Health Organization; Coordenador de projeto UNESCO/OMC; ONU; Missão Permanente do Brasil junto à ONU e Outros Organismos Internacionais sediados em Genebra; Membro do Comitê Executivo do International Social Science Council/Unesco; Vice-Chair do Forum on Higher Education, Research and Knowledge Regional Scientific Committee for Latin American and the Caribbean; Vice Presidente de Comissão UNESCO; Presidente de Comissão de Inquérito Independente sobre a Síria; Asia Society Task Force on U.S. Policy towards Burma/Myanmar; Association for the Prevention of Torture; Centre on Housing Rights and Evictions; Organização Internacional do Café – OIC.

Cargos em organismos nacionais:

Presidente da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES/MEC), membro da Secretaria de Ensino Superior/SESU, Conselheiro da Câmara de Educação Superior/Conselho Nacional de Educação, Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Ministro das Relações Exteriores, Embaixador - Chefe da Missão Permanente do Brasil junto à Organização das Nações Unidas e Outros Organismos Internacionais sediados em Genebra, Presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, Membro de comitiva da Presidência da República, Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, Presidente da FAPESP.

Outros órgãos governamentais:

IBGE: presidência, membro do Conselho Técnico, membro de Comissão Consultiva do Censo Demográfico, Membro Titular da Câmara Técnica de Geociências.

Órgãos privados:

Associação Comercial do Rio de Janeiro; Conselheiro da Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo; Conselheiro do Museu Lasar Segall- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, MLS-IPHAN; Conselheiro da Fundação Padre Anchieta - Centro Paulista de Rádio e TV Educativas, FPA-RTC.

Os acadêmicos e o espaço da política

Como identificado em trabalho anterior (Hey, 2008), o campo acadêmico brasileiro se caracteriza, no domínio das ciências humanas e sociais, pelo alto grau de heteronomia em relação à esfera da política. Demonstrou-se naquele trabalho que, no período de 1975 a 2002, a mobilização dos pesquisadores para a produção de conhecimento na temática da educação superior obedeceu às injunções dadas pelas alterações que se processavam no terreno prático – no sistema de educação superior. A reação acadêmica se processava em duas direções, por meio da crítica ao que estava sendo realizado ou auxiliando a estruturação de políticas públicas na área, mas ambas as respostas acompanhavam a determinação da agenda política. Não é raro encontrar nas agendas de pesquisa acadêmica a influência das temáticas conjunturais que permeiam as

discussões da esfera política, tanto em relação às discussões ideológicas quanto as relativas à estruturação da vida social do prisma econômico e social, mas a quase completa determinação externa ao espaço acadêmico e a aderência a um programa de governo informou a necessidade de olhar mais de perto essas relações.

Esse grupo de acadêmicos da ABC, mesmo não sendo homogêneos na intensidade da relação mais ou menos direta com as posições políticas partidárias, invariavelmente demonstram afinidades entre os dois partidos dominantes atuais, o PT e o PSDB, cuja polarização já havia predominado na análise citada.

Assim, em 2010, dos então 19 membros da área 5 expressaram seu apoio ao então candidato José Serra no manifesto dos intelectuais – Bolívar Lamounier, Celso Lafer, Elza Berquó, Leôncio Martins Rodrigues e Simon Schwartzman. Há a demonstração pública de adesão a uma visão de mundo que pautou, em grande medida, a relação dos intelectuais atuantes no Brasil a partir dos anos 1970 com a posição de construtores do estado democrático, como se observa no trecho do documento:

Votamos em Serra, porque ele pautou toda sua vida pública com coerência na luta pela justiça social e pela preservação dos valores universais da democracia e das liberdades individuais.

Apoiamos Serra, porque é preciso, sim, comparar os candidatos e identificar quem está mais preparado para enfrentar os desafios que o Brasil tem pela frente, com autonomia, sem ser refém de grupos partidários ou econômicos. Homens e mulheres, em qualquer atividade, se dão a conhecer por sua obra, que é o testemunho de sua vida. A Presidência da República exige alguém com experiência e competência comprovadas. Não basta querer mudar o Brasil, é preciso saber mudar o Brasil. E a vida pública de Serra demonstra que ele sabe como fazer, sem escândalos e desvios éticos. (PSDB, 2010).

Expressões públicas reveladoras dessa afinidade com um projeto partidário são prolíferas na mídia, como explorado pelo próprio PSDB em seu sítio oficial:

As expressões “sem cuidado” e “sem cautela” são o mínimo que historiadores, antropólogos, sociólogos e políticos têm usado para definir o comportamento do presidente Lula ao minimizar atos ilícitos cometidos por aliados, interferir na competência de outros poderes ou, ainda, fazer análises sem conhecimento de cenários internacionais.

Na avaliação do antropólogo Gilberto Velho, numa entrevista ao jornal O Globo, “é preciso elevar o padrão ético”. Velho disse ser “triste” o país assistir ao presidente Lula abraçado com o ex-presidente e atual senador Fernando Collor. “O País se mobilizou contra Collor”, lembrou. Ele questionou ainda o comportamento do presidente pois, “ao passar uma esponja sobre tudo o que

aconteceu”. E perguntou: “E toda aquela mobilização da população não tem mais valor?”. (PSDB, 2009).

A ligação de acadêmicos com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso também é bastante significativa, especialmente por via do Instituto FHC (iFHC), que tem Boris Fausto e Celso Lafer em seu conselho curador; Simon Schwartzman como coordenador de pesquisa ali desenvolvida sobre a nova agenda social e econômica para a América Latina; ou nos seminários organizados, como o de amizade a Bolívar Lamounier, com a presença de Edmar Bacha e Yvonne Maggie Ribeiro, em 2013. O caráter de realização e divulgação de pesquisas que devem auxiliar a organização social e política da sociedade brasileira e da América Latina se expressa nos espaços de interlocução em torno do instituto. A elaboração de livros a partir de seminários temáticos pode ser assim exemplificada:

Cultura das Transgressões no Brasil – Lições da História, recém-lançado pelo ETCO – Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial, em parceria com o Instituto Fernando Henrique Cardoso, iFHC. Sob a coordenação do ex-ministro Marcílio Marques Moreira e do próprio ex-presidente Fernando Henrique, e com apresentação do economista e presidente do ETCO, André Franco Montoro Filho, o livro traz um bom apanhado das várias facetas que dão forma às transgressões, com a preocupação de tentar rastrear ao longo da história do país a origem e a evolução de práticas que fogem ao senso das responsabilidades e das obrigações nos mais diversos segmentos, tanto no âmbito público como no privado (...) a partir do seminário homônimo realizado em agosto de 2007 no iFHC e do qual participaram como palestrantes o cientista político Bolívar Lamounier; o professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro José Murilo de Carvalho; o diretor da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro Joaquim Falcão; e o professor do Departamento de Sociologia e Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro Roberto DaMatta (ETCO, 2011).

Em relação aos acadêmicos próximos ao PT, as manifestações públicas de reciprocidade são mais tímidas, menos explícitas nesse grupo da ABC. Wanderley Guilherme dos Santos assim expressa a afinidade com suas teses:

Assim tem sido neste século XXI: o governo de um metalúrgico seria um fracasso, e foi o que se viu: o início da maior transformação social na história brasileira, que, aliás, não pode ser reduzida à baboseira oposicionista de que vai manter o que estiver certo nas políticas sociais do governo. Não existe "política social do governo" dissociada de sua ideologia nuclear de governar para os mais carentes, seja nas decisões de política social, econômica ou internacional. Está em curso magnífica transformação da pirâmide brasileira e esse é o sentido da mudança que deve continuar (Santos, 2014).

Hélgio Trindade, importante articulador das políticas relacionadas à educação superior desde o governo Lula, tendo sido o idealizador e presidente (2004-06) da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES) e criador e reitor da Universidade da Integração Latinoamericana (UNILA), assim compartilha suas relações:

Trindade também destacou que a Unila deverá fazer parte do grupo de universidades brasileiras paradigmáticas, como foi a fundação da USP, da Unicamp e da UNB, no século passado, além de salientar que o governo Lula consagra-se por ter criado o maior número de universidades da história do País (13 ao total). “Estamos testemunhando um momento histórico da educação superior brasileira: a sanção presidencial de um dos projetos universitários mais inovadores e ousados do atual governo. Hoje, estamos criando um novo modelo de instituição universitária, cuja missão será contribuir, por meio do conhecimento compartilhado e da cooperação solidária, para a integração da América Latina”.

Observações finais

Estes dados iniciais fornecem elementos da distribuição das propriedades distintivas presentes na trajetória de formação e de inserção profissional dos membros das Ciências Sociais da ABC. Muitos outros subsídios serão analisados visando descortinar a composição dessa área em termos morfológicos mas, sobretudo, subsídios relativos ao acúmulo de recursos mobilizados na composição do poder da própria ABC, da estrutura do campo científico nacional (instituições dominantes, agências de fomento, institutos de pesquisa) e da interface dos acadêmicos com o corpo de Estado. Mesmo como uma área pequena e dominada no conjunto da ABC (não há membro na diretoria nacional, somente um na vice-presidência regional), a investigação destes acadêmicos têm fornecido informações significativas da composição das elites em Ciências Humanas e do papel delas na capitalização e na repartição do poder científico.

Como o trabalho está em desenvolvimento, convém interrogar mais acerca das propriedades adquiridas desses acadêmicos que geram posições de controle da atividade acadêmica, da reprodução de seus perfis e da representatividade dessas propriedades no espaço maior dos pesquisadores na área. Do mesmo modo, examinar sobre o uso dessas qualidades (culturais, meritocráticas, sociais) na conversão para o espaço do poder no Brasil.

A outra direção de análise, será constituída pela comparação dos princípios legitimadoras dessa área em relação a outras da ABC, uma vez que há esferas sociais em

que eles são predominantes, como ocupação de postos elevados no campo político e cultural. Discutir essas questões, por via da materialidade dos dados que vêm sendo construídos com os mais de 700 membros da ABC, demonstra-se um bom começo para a compreensão, em geral, da morfologia do campo científico (composição do capital científico, concentração institucional), das querelas que norteiam o jogo desse espaço hoje (hierarquias disciplinares, distribuição de recursos simbólicos, políticos e econômicos, reconfiguração das instituições), da relação entre posição no campo científico e Estado no Brasil nos últimos anos e, em particular, no aprofundamento da constituição de elites científicas no país.

Referências bibliográficas

ANDIFES. Presidente *Lula sanciona criação da UNILA*, 13/1/2010. Disponível em <http://www.andifes.org.br/?p=1712> Acesso em 30/07/2014.

BARBOSA, Rogério Jerônimo *et al.* Ciências sociais, censo e informação quantitativa no Brasil: entrevista com Elza Berquó e Nelson do Valle Silva. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 95, Mar. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000100008&lng=en&nrm=iso>. Access on 18 Aug. 2014.

BASTOS, Élide R., ABRUCIO, Fernando, LOUREIRO, Maria Rita, REGO, José Marcio. *Conversas com sociólogos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2006.

BRASIL. CNPq. Indicadores de Pesquisa segundo as grandes áreas de conhecimento. Disponível em 2010 <http://www.cnpq.br/web/guest/indicadores1> Acesso em 30/06/2014.

CAMPOS, Diógenes de Almeida. Depoimento sobre a Academia Brasileira de Ciências. Rio de Janeiro, 2011 (não publicado).

CPDOC/FGV. *Cientistas Sociais de Países de Língua Portuguesa: Histórias de Vida*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL, 2010. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/> Acesso em 30/06/2014.

ETCO/Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial. *Cultura das Transgressões no Brasil – Lições da História*, 20/04/2011. Disponível em <http://www.etc.org.br/publicacoes/livros/cultura-das-transgressoes-no-brasil-licoes-da-historia/> Acesso em 20/06/2014.

HEY, Ana Paula. A Academia Brasileira de Ciências na gênese do campo científico. *Relatório de pesquisa*, FAPESP, 2014.

_____. Elites científicas: o caso da Academia Brasileira de Ciências. Anais do 36º Encontro Anual da ANPOCS. Águas de São Pedro/SP, 2012.

_____. *Esboço de uma sociologia do campo acadêmico*. A educação superior no Brasil. São Carlos; São Paulo: EDUFSCar; FAPESP, 2008.

KEINERT, Fábio C. *Cientistas sociais entre ciência e política (Brasil, 1968-1985)*. Tese, Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2011.

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira. *Manifesto dos Intelectuais*, 27/10/2010. Disponível em <http://www.psdb.org.br/intelectuais-e-artistas-assinam-manifesto-de-apoio-a-serra/> Acesso em 20/06/2014.

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira. *Presidente fala sem cautela*, 24/07/2009. Disponível em <http://www.psdb.org.br/presidente-fala-sem-cuidado-e-sem-cautela/> Acesso em 20/06/2014.

REIS, Elisa. *Memorial*. Rio de Janeiro, maio de 1998. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/elisareis> Acesso em 30/07/2014.

REIS, Elisa; GÓES FILHO, Paulo de. Human Sciences. IN: Antonio Carlos Campos de Carvalho, Diógenes de Almeida Campos, Luiz Bevilacqua (orgs.). *Science in Brazil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2002, p. 163-180.

SANTOS, Wanderley Guilherme. Abaixo o complexo de vira-lata, 08/07/2014 Disponível em <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Abaixo-o-complexo-de-vira-lata-/4/31331> Acesso em 01/08/2014.

SHINN, Terry; RAGOUET, Pascal. *Controvérsias sobre a ciência*. São Paulo: Editora 34, 2008.

TRINDADE, Hégio. *Ciências Sociais no Brasil*. Diálogos com mestres e discípulos. Brasília: ANPOCS; Liber Livro Editora, 2012.

VELHO, Gilberto. *Memorial* para o concurso de Professor Titular de Antropologia Social. Departamento de Antropologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.